

QUAIS SÃO AS REPRESENTAÇÕES QUE PROFESSORES ASSUMIDAMENTE GAYS POSSUEM NA ESCOLA?¹

CAPUTE, Eduardo.²

“Amar alguém do mesmo sexo, entregar-se a dor e a delícia de sentir-se apaixonado como em qualquer relacionamento no qual criamos laços de ternura, torna-se mais difícil para os homossexuais, uma vez que os riscos do encontro e desencontro de amar alguém simbolizam romper com o mundo sociocultural em que os indivíduos estão inseridos. Um mundo que esconde as diversas faces de amor e prega um discurso heterossexista, levando a maioria dos homossexuais a uma árdua luta por sua identidade, autonomia e direitos. Direitos como seres humanos. Direito ao amor” (MOLINA & FIGUEIRÓ, 58: s/d).

Reconhecer-se homossexual pode ser um fator de amplos debates acerca de temáticas condenadas pela sociedade heteronormativa. Ao que concerne nossa atuação como professores em universos escolares dos quais os preconceitos da sociedade podem reproduzir como nos deixa claro Molina & Figueiró é evidente a árdua luta que os homossexuais enfrentam para ter os seus direitos como seres humanos reconhecidos.

Minha angústia e minha inquietação direcionou-se para o que poderia acarretar ao evidenciar a sexualidade de um professor para além do heterossexualismo. Partindo desse estudo e de questionamentos derivados da minha vivência e experiências já como “professor” na rede pública de ensino, busquei aprofundar meus estudos sobre as representações que esses seres humanos ao assumirem-se frente à comunidade escolar poderiam cobiçar indagações para disseminação de conceitos estigmatizados pela sociedade, tais como: preconceito, desigualdades de gênero, raça, credo e etc. dentro da escola, a qual sem problematização do assunto poderia vir a incentivar o preconceito e a discriminação.

Incremento do objeto

Faz-se necessário reconhecer que existem e manifestam-se atualmente diversas práticas discriminatórias aos professores que se encontram na categoria dos que mantêm relação

¹ Esta reflexão parte da pesquisa realizada na modalidade Trabalho de Conclusão de Curso junto a licenciatura em História do Campus de Três Lagoas – UFMS. Partimos de nossas questões identitárias (professores homoafetivos) e recortamos como objeto as representações sociais de professores na mesma condição com o propósito de inventariar, a partir de entrevistas com três professores, tais representações.

² Graduando em licenciatura em História, pela universidade federal de Mato Grosso do Sul campos de Três Lagoas – UFMS/CPTL, no período de 2008/2013. Pesquisas realizadas nas áreas de história cultural e identidade e ensino de história.

eduardo_capute@hotmail.com

com pessoas do mesmo sexo. É fato de que o espaço escolar em toda sua dimensão atua como um campo político, como um local de pluralidade cultural e de transformações sociais.

Sendo assim, concebemos a escola como ambiente de relações intergrupais, no qual o pertencimento a determinados grupos pode designar atributos positivos ou negativos. Dessa maneira, quiçá, manter uma identidade anônima não venha a garantir direito algum.

Nesse sentido, as representações constituem-se em uma preparação para a ação, não apenas porque guiam o comportamento, mas porque constroem e remodelam o ambiente em que este comportamento irá ocorrer. Assim, a perspectiva das representações sociais coloca as opiniões e atitudes num contexto diferente da relação mecânica entre sujeito e realidade, contexto onde o sujeito não só reage à realidade, mas a constrói (FARR, 1991, 1995 *apud* LACERDA *Et all*, 2002:168).

Nesse intuito, este trabalho constitui-se enquanto um processo de pesquisa na área das representações sociais à respeito das sexualidades de professores, em especial, homens gays.

Sendo assim, em uma sociedade que discrimina pessoas por classe, religião, sexualidades, entre outros; esse cargo é alvo de discussão por qual o protótipo de pessoas que o deveria assumir.

Posto isso, esta pesquisa tem como objetivo compreender quais seriam as representações que professores assumidamente gays possuem na escola, partindo do conceito de representações com embasamento nas teorias de Moscovici entre outros teóricos para tratar dos assuntos como: representações, professores e escola, homofobia, entre outros.

As escolas brasileiras, em sua grande maioria, têm como função social formar alunos cidadãos, valorizando respeitos e grandes atitudes civis. Assim, ela não deve-se ausentar de problematizar questões sobre sexualidades, evidentes na sociedade. É importante que os alunos percebam suas participações sociais como produtores de opinião.

Tendo consciência, esses professores ao se assumirem frente aos seus alunos e todo ambiente escolar, podem contribuir para uma pressuposta erradicação de preconceitos, os quais ignoram o sujeito, fazendo com que sua dimensão afetiva seja o fator principal de violências. Nesse cenário, nos parece, essas questões não têm sido significativamente abordadas no contexto de análise da escola.

Recorte metodológico

A escola, tal como os sujeitos envolvidos nesse espaço de construção de identidades e de conhecimentos, faz distinções no que diz respeito a educar para cidadania. Assim, para apreender essas questões, os métodos de pesquisa serem calcados em investigação qualitativa e História oral.

Esses métodos são abordados devido às pesquisas serem relatos de vidas de professores, que enfrentam em seu cotidiano problemas e soluções dentro de escolas. Com isso buscamos a interpretação dos sujeitos, não de forma isolada, mas sim em suas relações e interações que fazem parte do dia a dia; o que se evidencia na fala de Jovchelovitch (1995:67) quando chama a atenção para o fato de que:

A condição *sinequa non* para a ação e o discurso é a pluralidade humana, “o fato de que homens, e não o Homem, vivem na terra e habitam o Mundo (1958:7). Porque as pessoas são diferentes – e ao mesmo tempo as mesmas – a ação e o discurso tornam-se necessários: se nos fôssemos todos idênticos não haveria a necessidade de comunicação ou da ação sobre o que nunca varia; se nos não tivéssemos nada em comum a fala perderia seu próprio fundamento e a ação não justificaria a si mesma. É na experiência da pluralidade e da diversidade entre perspectivas diferentes – que, porem, pode levar ao entendimento e ao consenso – que o significado primeiro da esfera pública pode ser encontrado. (JOVCHELOVITCH, 1995:67)

Duarte (2002) define a pesquisa qualitativa como “[...] um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares...”. (2002:140) Portanto, a metodologia de pesquisa na perspectiva qualitativa é a que nos permite compreender os conflitos, dúvidas, certezas, crenças, valores, motivações e sentimentos dos sujeitos colaboradores.

De acordo com Meihy (2007) tais aspectos serão evidenciados juntamente com a metodologia de História oral, sendo essa “uma parte do conjunto de fontes orais” (2007: 14). É importante reconhecermos que as entrevistas do coletivo podem direcionar para informações de “sentido social aos lances vividos sob diferentes circunstâncias”. (2007: 27).

As entrevistas se dão com o compromisso do pesquisador de ir além de uma reflexão intersubjetiva. Assim, para Thompson:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação, pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior, e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 1992:22).

A questão que desencadeou as falas é o objetivo que pretende-se estudar, de forma “natural” os entrevistados puderam expressar espontaneamente suas opiniões.

Como organização do material ocorreu à transcrição e a transcrição das falas, que foram devolvidas aos colaboradores para suas avaliações e a consideração de que colaborador e entrevistador construíram junto essa situação. Após aprovação e registro autorizado do uso das falas, esse material será utilizado como base empírica para discussão conceitual do tema.

Educação Escolar e Homoafetividade: reflexões possíveis

Homoafetividade no espaço escolar e na historiografia: um debate

Quanto mais as relações homem-mundo e homem-homem se humanizarem, mais a humanidade será livre. (LOPES, 2008:74).

De acordo com as concepções da pedagogia dialética³ as visões de homem e do mundo são baseadas nas relações de formas naturais e sociais, sendo assim, esta abordagem sugere uma educação que estabeleça relação direta entre educador e educando. Contudo, o educador compreende “os aspectos subjetivos e objetivos do educando para que exista um desenvolvimento dele.” (LOPES, 2008:74). É dessa maneira que tanto o educando quanto o educador se tornam agentes reais do contexto em que estão inseridos, sendo assim a educação pensada na perspectiva da ação social.

Faz-se necessário a explicitação teórica da função da escola, uma vez que, como um local de socialização dos alunos/as, tem por vista “prepará-los para sua incorporação no mundo do trabalho”. (SACRISTÁN & GÓMEZ; 1998:14). De acordo ainda com Gómez essa é umas das principais funções que a sociedade delega à escola e em diversas situações isso torna-se primordial fortificando a relação educação/trabalho. Porém, essa preparação requer o desenvolvimento nas novas gerações, “não só, nem principalmente de conhecimentos,” ”mas também da formação de disposições, atitudes, interesses e pautas de comportamento”. (1998:15).

Nessa discussão entre a incorporação ao mundo de trabalho e a liberdade, é preciso uma reflexão sobre a necessidade do sujeito viver em sociedade e em muitas ocasiões a concepção da pedagogia crítico social surge com possibilidade para compreender a liberdade como consciência histórica da necessidade. (LOPES, 2008:78).

A liberdade não é somente um assunto teórico, pois a compreensão da necessidade não basta para que o homem siga livre, visto que a liberdade implica – como assinalamos – uma atividade pratica transformadora. Mas, sem o conhecimento da necessidade, também não há liberdade; por isto, é uma das suas condições necessárias. (VÁZQUEZ, 1987:12 Apud. LOPES, 2008:79).

A segunda função do processo de socialização na escola “é a formação do cidadão/ã para sua intervenção na vida pública.”(1998:15). Assim, a escola passa a ter por objetivo a preparação para que muitos alunos possam “se incorporar a vida adulta e pública, de modo que se

³ Ou seja, o educador tem conhecimento para passar ao educando e o educando, que não é uma “tabula rasa”, tem conhecimento para ser considerado pelo educador. (LOPES,2008:74).

possa manter a dinâmica e o equilíbrio nas instituições,” de acordo com regras e deveres que fazem parte da sociedade em que vivem. (GOMEZ, 1998:15).

A escola como local de sociabilidade⁴ e pluralidade cultural poderia ser um espaço de socialização dos debates acerca de muitas temáticas estigmatizadas pela sociedade heteronormativa, como a questão da homoafetividade. Assim poderíamos perceber o espaço escolar em toda sua dimensão como um campo político, sem excluir os currículos, as disciplinas, as normas que regem a escola, as formas de avaliação dos alunos, os materiais didáticos utilizados. Pelo que se percebe costumeiramente no espaço escolar, ao não haver esse debate, isso acaba por refletir as desigualdades de gênero, raça, credo e etc. dentro da escola, incentivando o preconceito e a discriminação.

Devemos ter como iniciativa o estabelecimento de ações que estimulem reflexões, a começar com a problematização da discriminação do próprio corpo docente, em que haja casos de pessoas que tenham por orientação sexual a homoafetividade.

Nessa estrutura conflitante da sociedade em que vivemos nós buscamos conhecer quem são as pessoas que nos rodeiam em nossos ambientes de trabalho tentando fazer com que as relações sejam concretas. Quando nos classificamos, nós sempre fazemos comparações com um protótipo, sempre nos perguntamos se o objeto comparado é “normal” ou “anormal”, se determinados valores são muitas vezes de peso moral, assim nos indagamos e pré julgamos como deve ser, ou não. Isto posto, parece-nos que:

Os valores e os modelos de conduta produzidos na escola e transmitido por ela, tanto por meio dos conteúdos da educação formal, como através da interação cotidiana com colegas, educadores e educadoras, encarnam todos os preconceitos e as desigualdades que são comuns na sociedade, legitimando-os pelo peso de instituição educativa e pela sanção coletiva da comunidade escolar. (MOLINA & FIGUEIRÓ, *sine data*: 63)

Fachinni & Simões ressaltam que em pesquisas⁵ boa parte das vítimas dessas agressões mantém relações com os discriminadores em contextos de acentuada proximidade, e não de distanciamento, como muitas vezes se supõe. (2009:28).

⁴ Sociabilidade. [De *sociável* + *-(i)dade*, seg. o padrão erudito] *S. f.* 1. Qualidade de sociável: “Estradas são laços que a sociabilidade humana espalha pela superfície da Terra.” (E. Roquete-Pinto, *Seixos Rolados*, p. 243.) 2. Tendência para a vida em sociedade; socialidade. 3. Maneiras de quem vive em sociedade. FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. Nova dicionário Aurelio da língua portuguesa. Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos (cord.). 4º ed. Curitiba: Ed. Positivo; (2009):1864

⁵ Algumas dessas pesquisas resultaram em publicações: CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia e CAETANO, Marcio. *Política direitos, violência e homossexualidade*. 8º Parada do Orgulho GLBT- Rio 2003. Rio de Janeiro, Pallas, 2003; CARRARA, Sérgio e Ramos, Sílvia. *Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 9º parada do Orgulho GLBT – Rio 2004*. Rio de Janeiro, Cepesc/Clam, 2005; CARRARA, Sergio; Ramos, Silvia; SIMOES, Julio Assis e FACCHINI, Regina. *Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 9º parada do Orgulho GLBT*

Essa característica evidente do preconceito⁶ na sociedade e em ambientes escolares faz com que Gomez saliente a função da escola para tais problemas:

A função da escola, concebida como instituição especificamente configurada para desenvolver o processo de socialização das novas gerações, aparece puramente conservadora: garantir a reprodução social e cultural como requisito para a sobrevivência mesma da sociedade. (SACRISTÁN& GÓMEZ. 1998:14).

Que o mundo está em constante transformação já é uma constatação banal, mas discutir as questões de conservadorismo escolar e educação faz com que a escola também se mantenha em constante metamorfose. Por vezes, como nos mostra Forquin, a escola muitas vezes se encontra em amarras tradicionais. Assim:

[...] a educação é cada vez menos capaz, hoje em dia, de encontrar um fundamento e uma legitimação de ordem cultural, porque a cultura “perdeu o seu norte” e se encontra privada das amarras da tradição e da bússola do princípio da autoridade. A concepção da cultura como acumulação e cristalização de toda a experiência humana, à concepção da educação como recepção das novas, gerações no interior do mundo “sempre já velho”, tradição ativa e transmissão de uma herança, a consciência moderna opõe sua experiência e sua exigência históricas da mudança. (FORQUIN.1993:18).

Pensando nesse conservadorismo escolar podemos perceber que em muitos documentos curriculares, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (Temas transversais – volume Orientação Sexual - BRASIL, 1996), em tais documentos são enfocados assuntos como métodos contraceptivos, gravidez na adolescência e uso de drogas,mas não se discute a homoafetividade. Nessa perspectiva, Altmann evidencia que “o trabalho de orientação sexual deve, portanto, ocorrer de duas formas”: essas devem estar em um primeiro momento “dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e como extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema.”. (2001:580).

– São Paulo 2005. Rio de Janeiro, Cepesc/Clam, 2006; CARRARA, Sergio; RAMOS, Silvia;LACERDA, Paula; MEDRADO, Benedito e VIEIRA, NARA. *Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 5º parada da Diversidade – pernambuco* 2006. Rio de Janeiro, CEPESC/Clam, 2007.

Alem das referencias citadas na nota anterior, ver:CARRARA, Sergio e VIANNA, Adriana. “As vitimas do desejo: os tribunais cariocas e a homossexualidade nos anos 1980”. In: PISCTTELLI, Adriana *et al. Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004; RAMOS, Silvia. “Violencia e homossexualidade no Brasil: as politicas publicas e o movimento homossexual”. In: GROSSI, Miriam Pillar *et al. (org.) Movimento sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005; CARRARA, Sergio e VIANNA, Adriana, “Tá lá o corpo estendido no chão: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro, *Physis*,16(2), 2006, p. 233-249.

⁶FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. Nova dicionárioAurelio da língua portuguesa. Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos (cord.). 4º ed. Curitiba: Ed. Positivo; (2009:1617). Preconceito: [De *pre.* + *conceito.*] S. m. 1. Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; ideia preconcebida. 2. Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; prejuízo. 3. *P. ext.* Superstição, credence; prejuízo. 4. *P. ext.* Suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras racas, credos, religiões, etc.: *O preconceito racial é indigno do ser humano.*

A cada vez que a sexualidade torna-se um problema para a sociedade isso tende a ser tornado um objeto de pesquisa. A gravidez na adolescência, os métodos contraceptivos e o uso de drogas não tem e nem podem ser objetos descartáveis de pesquisas e esses fatos só tem favorecido e vieram para aumentar o espaço de aceitação social e de pesquisas sobre a educação sexual ou homoafetividade, sem que se façam apologias. As temáticas referentes à diversidade sexual, como os direitos sexuais,

[...] necessitam de suporte de políticas públicas na área da educação e de mobilização sociais que objetivem desestabilizar a produção de hierarquias, opressões e padrões heteronormativos, que histórica e culturalmente moldam as relações de gênero. (MOLINA & FIGUEIRÓ, *sine data*: 64)

Portanto, a escola como representação da sociedade em que está inserida, tende a reproduzir variadas características autoritárias, inclusive as práticas de discriminação dentro de salas de aula e de outros espaços escolares.

De acordo com Borrillo: “a homofobia é uma atitude de hostilidade contra as/os homossexuais; portanto, homens ou mulheres.” E mesmo que o componente da agressão seja primordialmente os homossexuais: “a homofobia não pode ser reduzida a esse aspecto”. (2010:13).

2.2 Heterossexismo e a ordem natural

A ordem estabelecida socialmente em que a mulher deve completar o homem em total subordinação é chamada de ordem natural. Essa naturalidade é uma marca evidente na sociedade quando notamos casos de manifestações homofóbicas, em relação às pessoas consideradas transgressoras. Borrillo deixa evidente o questionamento de uma sociedade sexista, sendo assim ele evidencia de que maneira ocorre o sexismo:

O sexismo define-se, desde então, como a ideologia organizadora das relações entre os sexos, no âmago da qual o masculino caracteriza-se por sua vinculação ao universo exterior e político, enquanto o feminino reenvia a intimidade e a tudo o que se refere à vida doméstica. (BORRILLO, 2010:30).

Sendo assim, o sexismo exerce uma função dominadora face o sexo oposto, uma violência que se apresenta muitas vezes de forma simbólica, em que o poder de dominador, mesmo de forma sutil e invisível, ocorre inevitavelmente porque ela é imposta de “forma natural” pelo “macho” e a “fêmea” aceita como “natural”, inevitável e até mesmo necessária para a sobrevivência.

Assim, essa ordem de naturalização que a heterossexualidade encarna demonstra uma das formas de dominação sexual, o heterossexismo⁷. E nessa linha de raciocínio o autor nos revela o tratamento diferenciado da sexualidade:

Todas as outras formas de sexualidade são consideradas, na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas; e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização. (BORRILLO, 2010:31)

A visão de que a homossexualidade é encarada como uma patologia faz com que muitos pais, familiares, entre outros, acreditem que irão encontraram a cura para as questões de amor, desejos e prazeres das pessoas. Assim, muitas vezes, sem expressar um preconceito de forma agressiva, violenta, física ou verbal, boa parte dos psicólogos trata a homossexualidade como distúrbio, o qual deve ser assumido ou, se possível, superado.

Nesse sentido, muitas missões evangelizadoras carregam o cumprimento da cura ou recuperação dos homossexuais e a promessa do retorno às “formas naturais de verdadeira forma humana”. Contudo, já foi promulgada uma resolução que descarta a homossexualidade do rol de doenças. Esta questão é evidente na afirmativa dos autores Lacerda, *Et all.*

Diante das denúncias feitas pela Associação Brasileira de Gays, Lesbicas e Travestis, o Conselho Federal de Psicologia promulgou, em 1999, a Resolução 001 que estabelece, aos psicólogos, normas de atuação em relação ao tema da orientação sexual. Sucintamente, a Resolução considera que a homossexualidade não é doença, nem distúrbio, nem perversão e estabelece que os psicólogos não colaborarão com propostas de tratamento e de cura da homossexualidade. (LACERDA, 2002:167)

Nessa perspectiva podemos observar como o heterossexismo se torna uma representação social organizada com os posicionamentos, por vezes agressivos, dos indivíduos presentes em todos os grupos sociais.

Assim, algumas identidades são dadas como normais, num poder tão absoluto, que, por vezes, não precisam dizer de si; enquanto muitas outras se tornam estigmatizadas e, muitas vezes, não tem força e nem autoridade para falar por si só. De acordo com Molina & Figueiró, os transgressores, desviantes ou fugitivos dessa cultura, dona de si e apoiada no senso comum, acabam por se tornar sujeitos que irão se sentir “a margem, como “desviantes”, “aberrações”, “contra a natureza”. (s/d: 72)

2.3 Representações sociais: aspectos teóricos e escolhas pessoais

⁷Segundo Daniel Borrillo o Heterossexismo, que se define como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade ocupa a posição superior. (2010:31)

Com efeito, antes de qualquer coisa convém uma breve explicitação de onde falamos, assim, situar a que nos referimos. Para a compreensão de conceito de representação social Moscovici e Nemeth consideram que:

As representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu *status* é o de uma produção de comportamentos e relações com o meio, o de uma ação que modifica uns e outros, e não o de uma reprodução [...], nem o de uma reação a um estímulo exterior determinado. [...] são sistemas que têm uma lógica própria e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações que se referem tanto a valores como conceitos [com] um estilo de discurso próprio. Não as consideramos como opiniões sobre nem imagens de, mas como “teorias”, como “ciências coletivas” *sui generis*, destinadas à interpretação e à construção da realidade. (1974:48 *apud* ARRUDA, 2002:138)

No sentido de representar escolhas pessoais, (entre inúmeras outras formas de representar, ou melhor, tornar algo presente,) o discurso não é neutro, pois a sociedade produz discursos, estratégias e dinâmicas que, por vezes, menosprezam e desvalorizam discursos à custa do outro, tornando os homossexuais alvos de piadas e de chacotas. Assim, as representações construídas sob os sexos se direcionam para um campo de competições que são norteadas pelo poder e dominação. Entretanto, há outras representações que não compreendem o homem como um ser passivo, reproduzidor apenas das ideologias sociais á que ele tem um papel também muito importante como criador de conceitos sociais. Podemos dizer, assim, que o homem constitui a sociedade em que vive e por ela é constituído.

São práticas constitutivas da ação dos sujeitos e do modo como as suas práticas são vividas objetiva e subjetivamente – então, nem sempre elas remetem ao sentido negativo – por vezes, na esfera publica com suas diversidades humanas é que faz a necessidade da comunicação e do discurso como evidencia Jovchelovitch:

Por que as pessoas são diferentes - e ao mesmo tempo as mesmas- a ação e o discurso tornam-se necessários: se nós fôssemos todos idênticos não haveria a necessidade de comunicação ou da ação sobre o que nunca varia; se nós não tivéssemos nada em comum a fala se perderia seu próprio fundamento e a ação não justificaria a si mesma. É na experiência da pluralidade e da diversidade entre perspectivas diferentes – que, porém, pode levar ao entendimento e ao consenso – que o significado primeiro da esfera publica pode ser encontrado. (1995:67)

Com as representações se faz presente a identidade daquilo que realmente é e demonstra ser sua representação. Sendo assim somos guiados para as questões de gênero com Joan Scott(s/d) que discute, de forma clara, como as mulheres são submetidas e inferiorizadas diante das relações machistas e capitalistas da sociedade em que estamos inseridos. Assim, Chartier (1990) também revela como os grupos modelam seus próprio sujeitos ou outros grupos

sendo cada qual com suas estratégias e relações que “determinam posições e relações que atribuem a cada classe, grupo ou meio um “ser - apreendido” constitutivo da sua identidade”. (1990:23).

Devido ao uso de signos, considerados do meio feminino, por homens a homofobia se dá presente em insultos, nas piadas e até mesmo nas representações caricaturais, visto por Borrillo que a “homofobia descreve os gays e as lésbicas como criaturas grotescas, objetos de escárnio.” (2010:24).

Essa relação de representação, dos objetos e características femininas “contraditórias” em ambientes ou pessoas masculinas, transgride um mundo no qual Borrillo evidencia que “a homofobia mostra a hostilidade não só contra os homossexuais, mas igualmente contra o conjunto de indivíduos considerados como não conformes à norma sexual”. (2010:24)

2.5 Armário e Clandestinidade: visões possíveis diante da sociedade atual.

[...] é através da ação de sujeitos sociais agindo no espaço que é comum a todos, que a esfera pública aparece como o lugar em que uma comunidade pode desenvolver e sustentar *saberes* sobre si própria – ou seja, representações sociais. (JOVCHELOVITCH, 1995:71)

Em nossa sociedade, as maneiras de se comportar da mulher são consideradas atributos para avaliar homens homossexuais. Esse uso de códigos deterministas “passa a exprimir também uma nova categoria de identidade em que diluam as diferenças marcadas entre o bofetativo e a bicha-passiva feminina”. (FACCHINI & SIMÕES, 2009: 71)

Mesmo se esvaindo essas categorias não deixam de depreciar as “bichas” que supostamente são equiparadas as mulheres e essas, por conseguinte, descritas como submissas, fraternais e generosas.

Essa perspectiva de homem/feminino nos remete a uma estrutura hierárquica, já que “a valorização de uma sexualidade viril, agressiva, materialista e juvenil levou à estigmatização dos afeminados” (FACCHINI & SIMÕES, 2009:47). Seguindo essa linha de pensamento, a feminilidade sendo “passiva, produtora e generosa” se submete a uma servidão à masculinidade ativa de exploradores e dominadores.

Nesta perspectiva Roberto DaMatta revela que o escritor Jorge Amado se utiliza de uma fórmula para entender a sociedade brasileira a partir de *Gabriela, cravo e canela*, em que é postulada a “imagem viva da mulher antiintelectual, Gabriela revoluciona com as armas que possui: seu corpo, seu tempero, sua comida, seu cheiro de cravo e seu sabor de canela”. (1997:112).

Nesse ponto de estudos, o homem dominador e controlador das leis e do dinheiro o próprio DaMatta nos revela segundo Amado que para ele:

[...] é o paradoxo desta “outra vida” interior, oculta, englobada pelos poderes dos homens que controlam o dinheiro e as leis e que, no entanto, é capaz de ter tanta força e mover esse mundo exterior, embora isso se faça de modo implícito e por meio de ações a - históricas ou até mesmo anti-históricas. (1997:114).

Esse modelo incorpora princípios hierarquizantes do gênero. Observamos que o estereótipo gay está relacionado à imagem das mulheres na sociedade, a figura do homem com traços femininos é submetida e equiparada às condições femininas na sociedade atual. Na maioria das vezes, essas representações apresentam os homens como desqualificados e dominados pelos padrões machistas nos quais a sociedade está inserida.

Ocorre uma grande divisão e disputa entre o ser “ativo” e o “passivo” e, por vezes, “nem sempre o que se faz na cama, na sala e na cozinha está de acordo com os modelos prescritos de coerência e conformidade, sejam eles hierárquicos ou igualitários”. Em uma pesquisa⁸ realizada por Néstor Perlongher (1949 – 1992), em se tratando sobre a prostituição masculina em São Paulo nos anos de 1980, Perlongher evidencia que:

[...]uma profusão de categorias de atribuição identitária em operação nos circuitos percorridos e freqüentados pelos garotos de programa, e dava ênfase aos modos maleáveis e cambiantes com que os sujeitos sexuais se definiam mutuamente a partir de posições e trajetórias variáveis que ocupavam por meio de participação em diferentes redes sociais. (FACCHINI & SIMÕES, 2009:59).

Visto que, por vezes só são realmente classificados como homossexuais os homens que mantêm relação com outros homens na perspectiva do sexo anal: “Assim, podemos encontrar rapazes que fazem sexo com outros homens, [...] mas que não deixam de se considerar e de serem considerados “homens”. (FACCHINI & SIMÕES, 2009:59).

Conforme revela os autores Lacerda, (*et all. s/d*) nos estudos realizados sobre as formas de preconceito contra homossexuais, as relações sociais são dadas de maneira intergrupais, em que no pertencimento a um determinado grupo pode haver atribuição de valores positivos a um grupo e negativo ao outro. Com isso surgem as diferenças sociais.

Nessas relações entre grupos, de acordo com Trevisan, determina-se assim as elites “para além dos óbvios donos do poder (político, econômico ou religioso), tanto a emergente nova burguesia” (2002:157). As quais são também além de ricos dominadores os que emolduram a repressão sexual que, por vezes, são até mesmo os criadores de milhares de justificativas teóricas. (2002:157). Assim, em vários

⁸ PERLONGHER, Néstor. *O negocio do michê*. São Paulo, Brasiliense, 1987. Uma nova edição foi lançada em 2008, pela Editora Fundação Perseu Abramo. Apud. SIMÕES, Júlio Assis. FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-iris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

terrenos, como o político, televisivo ou na indústria pornográfica acompanhamos, segundo Trevisan, vários casos de repressão e até mesmo casos de violência física:

No terreno da política, a situação aparece ainda mais grave. Em 1993, o vereador Renildo dos Santos, do vilarejo de Coqueiro Seco (Alagoas), confessou-se bissexual, num programa de radio local. Depois disso, foi afastado da Câmara Municipal, por “quebra do decoro”, e passou a receber frequentes ameaças de morte. Mesmo tendo pedido proteção à justiça, ele foi seqüestrado de casa e assassinado. Dias depois, encontraram seu cadáver decapitado, com os órgãos sexuais mutilados, pernas quebradas, dedos e unhas da mão arrancados; sua cabeça apareceu boiando num rio, não longe do local, sem olhos, a língua e as orelhas, além de dois tiros num ouvido. (TREVISAN, 2002:158)

E nessa perspectiva, continuam os autores:

[...] o preconceito pode ser definido como uma forma de relação intergrupala onde, no quadro específico das relações de poder entre grupos, desenvolvem-se e expressam-se atitudes negativas e depreciativas além de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de um grupo por pertencerem a esse grupo. (LACERDA, et all, 2002: 166).

Entre os processos de pertencimento de determinados grupos pode ocorrer os preconceitos, pelo simples fato do pertencimento. Sendo assim, muitas pessoas na sociedade vivem na clandestinidade sexual, fazendo com que seus prazeres e desejos sejam submetidos a avaliações e pré julgamentos de pessoas que pertencem a sociedade em que estamos inseridos, considerada heteronormativa.

Muito dessa submissão, de fazer com que pessoas vivam na clandestinade, faz com que escondam sua sexualidade e não sejam vitimas do preconceito social, podendo até mesmo tornarem-se sujeitos ativos de tais atitudes. Porem, essas atitudes podem ser “justificadas”, como nos mostra Luiz Mott:

Infelizmente, verdade seja dita, somos obrigados a reconhecer que de todas as chamadas “minorias sociais”, no Brasil, e na maior parte do mundo, os homossexuais continuam a ser as principais vitimas do preconceito e da discriminação. (MOTT, 2006:511)

Dessa maneira, não podemos afirmar que viver nessa tal clandestinidade sexual pode ser uma forma mais fácil de estarmos inseridos no convívio social público. Fingir negar ser o que não é pode exigir alguns adereços, dos quais, muitas vezes, se faz presente em um “universo masculino” e acabam por ficar um pouco distantes de uma realidade gay.

A masculinidade está costumeiramente voltada a indumentárias e apresentações corporais para celebrar o “macho”. Uma masculinidade estampada em bigodes, cabelos curtos, músculos definidos e a valorização de uma sexualidade viril e agressiva, que leva a desvalorização dos afeminados.

Em uma sociedade considerada por uma determinada abordagem como sociedade líquida: “há poucos motivos para esperar que a lealdade de uma pessoa ao grupo ou organização seja retribuída”(BAUMANN, 2005: 36). Dessa forma, assumir uma identidade pode não ser uma das melhores escolhas. Essa alternância “ora-ser, ora-não-ser”, acarreta olhares opressores diante da sociedade. De acordo com Baumann: “Permita-me comentar que a identificação é também um fator poderoso na estratificação”.(2004:26).

No entanto, as relações de fraternidade, lealdade e laços fraternais que costumeiramente se evidenciam dentro de escolas e nas relações professor/estudante acabam por se tornarem contraditórias e embaçadas, ao serem estabelecidos em ambientes de trabalho onde ocorre a constante troca de pessoas.

A partir destes elementos, consideramos importante investigar quais seriam as representações que professores assumidamente gays possuem na escola. Desse modo: “Se a escola não deve esquivar-se da responsabilidade de esclarecer, orientar e problematizar temas em sexualidade, é importante que os docentes se manifestem e percebam a riqueza de lidar com a temática.” (SÁ-SILVA, *et all. Sine data*)

Ao assumirem-se frente aos alunos, estes educadores estão efetivamente contribuindo para tal superação. (Sá-Silva) Ao explicitar tais representações, podemos estar contribuindo para a superação de certa “medicalização” das discussões que envolvem a orientação sexual no Brasil. Esse processo de medicalização ignora o sujeito e sua dimensão afetiva, aspectos fundamentais na abordagem das questões da homossexualidade, as quais, nos parece, não têm sido significativamente abordadas no contexto de análise da escola

3.0 PROFESSOR, ATITUDES E FUNÇÃO SOCIAL

Neste momento buscamos explicitar se, amparado em teóricos e nas falas de professores, as representações que os mesmos evidenciam em respeito à educação sexual pode ser considerada, no âmbito escolar, como um processo de transformação, para que sejam superadas as desigualdades, as repressões, os estereótipos e os preconceitos.

Ao referir-se a discussão escola/sexualidade logo notamos na fala dos professores como decidiram agir, em relação as suas sexualidades, diante de todo ambiente escolar. Dessa forma:

-Tenho relações com pessoas heterossexuais que estão em cargos de coordenadoria dentro da escola e por vezes já ouvi comentários sobre alunos gays, e esses comentários sempre soam

de forma pejorativa, partindo desse princípio se ela comenta dos alunos, eu acho que ela vai queimar professores em praça pública. (Edilson, 2011)

-Com relação à coordenação não tive problema, pois o coordenador era gay. Ele me respeitava com a minha função e eu o respeitava na função dele. Havia o respeito das professoras... (Guilherme, 27. 2012)

Podemos notar dois pontos de vista distintos em relação às coordenações escolares dos professores entrevistados. Em um primeiro caso o professor, omite a sexualidade, por medo, receio e até mesmo por pensar na falta de preparo dos profissionais envolvidos com a educação, como deixa claro:

- Essa omissão de muitos professores em escolas públicas ou particular, fazem com que muitos não sofram preconceitos de coordenadores, diretores e supervisores.

As coordenadoras de escolas não estão preparadas em sua maioria para assumirem tal cargo, e o maior preparo em minha opinião é informação o que é a maior falta que elas têm, ocorre também à questão de geração, muitas foram criadas de forma conservadora e retrograda. Então o gay sempre esteve associado à promiscuidade e desvio de caráter, até por isso os gays tem que fazer compensações, demonstrarem ser ótimos naquilo que fazem, porque tem que ter o processo de aceitação. (a ele é “viado”, mas é ótimo professor, ele é gay mas é ótimo profissional). (Edilson, 2011)

Neste sentido, o sexo e os desejos sexuais devem se manter encarcerados, secretos ou talvez vergonhoso sobre o qual não se deve falar.

- Esses assuntos tratados hoje em dia, só nos remetem a observarmos como falta informação na sociedade em geral, tanto é que um reflexo dessa situação são as notícias divulgadas na sociedade, sobre união estável entre pessoas do mesmo sexo, e elas causam certo zum zumzum, devido ter a mídia que está se aproveitando dessa polêmica para vender revistas, jornais e audiências do telejornalismo em cima desse assunto, mas por outro lado a própria reação de algumas pessoas caracterizam a total falta de informação da sociedade. (Edilson, 2011)

- Assim comecei a tratar sobre a sexualidade de Hitler com o amparo de uma micro filmagem. Quando os questioneei sobre gênero e homofobia começamos uma conversa que isso seria o medo do desconhecido e o sobre o uso das palavras, pois as mesmas palavras podem ser usadas para você. (Guilherme, 27. 2012)

Segundo o estudo de Sá-Silva:

Fugindo à sua responsabilidade, a escola se conforma com que o aluno se mantenha desinformado e enredado em tabus e preconceitos. Se a escola — justamente o lugar onde a sexualidade se manifesta como um dos maiores interesses dos alunos - se omite, o resultado é um quadro crônico que vem de longe, mantido pelo binômio desinformação / insatisfação. É, pois função primordial da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades. Ao promover debates entre os jovens e fornecer informações corretas, a educação sexual na escola dá oportunidade de repensar seus valores pessoais e sociais, bem como partilhar suas preocupações e emoções. (Sá-Silva, *et all. s/d*)

Para que realmente ocorra um trabalho sexual, baseado nos desejos sexuais e as satisfações pessoais, segundo Sá-Silva, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança

entre professores e alunos, relatado assim na fala dos dois professores:

- No entanto acredito que quando eu passava por esses processos os tempos eram outros, as experiências que eles possuem podem hoje até me ensinarem muitas coisas. Mas o professor mesmo não estando disposto acaba por ser um consultor, por já ter passado por essas experiências e isso faz com que nos tornemos referência. A respeito desse processo de aproximação dos alunos com professores, eu sempre mantive uma boa companhia, conselheiro e amigo, porém com um certo distanciamento, mantendo o respeito desses alunos por mim, pois nunca deixei de exercer a minha profissão de professor. (Edilson, 2011)
- Então nunca tentei chocar com a ideia que eles tinham do homossexual sempre tentei converter outra observação, uma outra perspectiva, para que eles vissem o homossexual de uma forma diferente. (Guilherme, 27. 2012)

Ainda assim, é importante que os professores se mostrem disponíveis para dialogar a respeito da sexualidade, como evidenciado nas falas, assim, podendo abordar essas questões de forma esclarecedora, sem que haja um distanciamento professor/aluno. Como relata Sá-Silva a visão de Marta Suplicy (2008:14) ao referir-se as ações de muitos docentes: “[...] repressiva, individualista, deformadora. Com um agravante: permitindo que o aluno esteja desinformado ou mal-informado, a escola e seu corpo institucional contribuem para a infelicidade sexual do jovem”.

Contraopondo a essa visão, podemos notar na fala do professor a aproximação e a descontração, sem deixar de lado o compromisso, em relação as sexualidades, transmitindo valores, inclusive na forma de responder as perguntas mais simples ou na forma como conversa, anda e fala, deixando evidente o discurso que fortalece Sá-Silva amparado nas escritas de Maria José Garcia Werebe (1998:194), ao observar que os docentes “educam mais por suas atitudes, do que pelos conhecimentos que transmitem. Educam pela maneira como encaram a própria sexualidade e a sexualidade dos outros, em particular das crianças e adolescentes”.

Dessa forma fica esclarecedora a maneira como esse professor vive sua função dentro da escola e socialmente.

- Ao tratar esses assuntos, mesmo que por pouco tempo, notei que não houve problemas com a minha sexualidade, alguns alunos de outra escola, por vezes, faziam suas gracinhas com a minha imagem, pois eu nunca mudei minha personalidade, não mudei meu corte de cabelo e nem deixei de usar meus óculos grandes, sempre andei do jeito que andei conversei da forma que conversei, nunca mudei meu estereótipo pra ninguém. Certa vez mostrei a foto de uma amiga de infância que se tornara travesti e falaram assim: “nossa professor me apresenta, que mulherão”. Ao saberem da transgressão corporal desse menino a sala se esbaldou em gargalhada e os questionei em qual seria o problema de ser uma travesti? É uma pessoa como qualquer outra. (Guilherme, 27. 2012)

Por fim, essas experiências em salas de aula são únicas, assim requer uma aproximação e, principalmente, muito respeito com os alunos, trocar experiências e promover o

respeito e cidadania. Dessa forma, ao tratar do educador Sá-Silva evidencia um ponto forte da função de professor em sala de aula:

Ao transformar-se e rever atitudes, o educador proporciona as condições para também o educando se transformar: a construção da auto-estima; a elaboração do pensamento crítico e criativo; a promoção do respeito e da solidariedade. Sendo a adolescência uma fase de intensos questionamentos e estruturação da personalidade, uma orientação bem conduzida será bem valiosa, pois possibilitará a alunos e professores construir juntos o conhecimento sobre a sexualidade humana e darem novos significados a suas vivências. (Sá-Silva, *et aut. sine data*).

3.1 Os alunos: representações de professores

Alguns professores afirmam que as relações sociais são muito violentas. Em decorrência do contato cotidiano com essa violência, os alunos se tornariam agressivos, uma agressividade que as professoras identificam na fala, nos gestos e nas atitudes com os colegas, e que parece ser parte de um esquema de sobrevivência.

- [...] acredito que a maior parte dos alunos são agressivos, devido a suas condições sociais, a maior parte dos professores se assumem em escolas particulares, se escondendo em escolas públicas, devido ao medo, pois não querem ter um motivo a mais para sofrerem qualquer tipo de agressão, que diariamente são relatadas em telejornais mostrando a violência dentro das escolas periféricas. (Edilson, 2011)

De acordo com as falas podemos notar que os professores relataram diversas formas de violência na sociedade em que esses alunos estão inseridos, além da violência física. Outro professor evidencia a violência através de brincadeiras, piadas entre outras mais “brandas”.

- Minha relação com os alunos foi sempre muito tranquila, porém não permitia que intimidade em relação a minha vida particular, ponderava e era cauteloso, pois esses alunos estão em formação e infelizmente inseridos em uma sociedade preconceituosa. Na escola pode acontecer a conversa e tentar a mudança, mas em suas casas esses alunos convivem com pais que fazem piadas com vizinhos gays entre outras pessoas. (Guilherme, 27. 2012)

Sobre os interesses dos alunos e o que mais eles valorizam na escola, professor deixa claro que os conteúdos acadêmicos são o que menos interessa às crianças, valorizando as atividades como: recreação, esportes, educação física, canto, dança, interpretação, artes, visitas a museus e à biblioteca.

O professor admite que esse desinteresse ocorre, pelo menos em parte, aos conteúdos e métodos tradicionais utilizados nas escolas, afirmando que ele não se enquadra naquela aprendizagem tradicional, “de sala de aula, caderno”.

- [...] percebia que o alunos não queriam saber de nada, ministrava aula na favela do Heliópolis, para mim o melhor lugar pra dar aula devido as diversidades de todas as pessoas.
- Contudo minha vivencia nessa escola foi bem interessante, foi uma experiência legal, não tive problema de agressões físicas ou verbal, sabe porque? Por que eu nunca faltei com o respeito, assim em todas as salas , até as que não ministrava aulas, os alunos me pediam para ser professor deles. Eu me sentia bem por saber que todos queriam conhecer quem é esse Guilherme, quem é esse aluno novo. Na sala de aula sempre deixei aluno falar, dentro do limite do conteúdo, assim construía um dialogo na escola.
- [...] gostavam da minha metodologia, porém pensavam que eu seria imaturo em relação à metodologia que elas usavam que na maioria das vezes tratavam os alunos de forma ríspida e sem dialogo. Assim visualizavam esse probleminha e diziam: “olha aluno não é seu amigo, aluno é seu aluno”. Nunca olhei para eles assim e preferia o dialogo. (Guilherme, 27. 2012)

Sobre como é o cotidiano desses alunos fora da escola, podemos retratar uma vida com poucos atrativos. Além de eventuais brincadeiras e diversões próprias da idade – jogar futebol, bola de gude, baile funk, pagode –, destacamos a televisão como o principal lazer, em face do meio violento em que vivem. Para tal, quando questionado ainda sobre os métodos e assuntos trazidos para sala de aula o professor salienta que:

- Em uma sala de aula, por mais que você tenha um conteúdo, você tem que lidar com a vida, com sexo. A sexualidade explode em uma sala de quinta ou oitava série, ficar todo puritano, não vou falar disso é chato, é privado, quem fala é a mãe ou a igreja - NÃO! Todos os lugares são lugares de educação, espaços mais amplos, se aquele lugar, aquela escola propõem uma educação formal de uma linha histórica, não forma nada.
- [...] quando chega o incomodo chegou ao conhecimento, não existe conhecimento sem incomodo, pelo menos o criativo, crítico [...]. (Fernando, 30. 2013)

Ainda é possível afirmar que as representações desses professores advêm de uma imagem:

Penin (1992) assinala a origem histórica dessas representações, construídas quando a clientela da escola pública era constituída basicamente por alunos de classe média e os pais assessoravam os filhos em suas tarefas escolares. A autora conclui pela necessidade de levar os professores a refletirem sobre as contradições entre suas representações e a realidade de seus alunos e suas famílias. (Mazzotti, 2006: 350)

Para salientar essa idéia notamos a presença dessa imagem na fala dos professores.

-A experiência no colégio “Carolina” foi algo forte, por ser uma cidade grande e em uma região de favela na cidade grande e eu vinha do interior. A experiência que tive em Garça era algo bem distante, já na Moóca era escola voltada para classe média, dava aula para alunos “bonitinhos”, mas claro que havia a “bolivianinha” e sabíamos muito bem que ela estava lá por causa do trabalho escravo, mas era outra situação e assim foi a minha experiência até pedir exoneração. (Fernando, 30. 2013)

Portanto, não é difícil notarmos as insatisfações que norteiam a vida escolar de muitos professores em relações ao aluno e vice e versa, esses professores em muitos casos tem sentimentos de desamparo e abandono. Para esta reflexão salienta Mazzotti:

A sensação de desamparo tem, portanto, bases muito concretas. E a angústia, o estresse, a frustração, o esgotamento emocional, o cansaço e o desânimo – termos que perpassam o discurso de grande parte dos professores – são indicadores eloqüentes desse desamparo. Outro importante indicador é o sentimento, expresso pelos professores, de que por mais que façam, que se desdobrem para suprir as carências e despertar o interesse dos alunos pelos conteúdos que julgam essenciais à superação de sua situação atual, esse esforço nunca é suficiente, porque grande parte do problema está em outras esferas que fogem ao seu controle. Como disse uma professora, “o mundo aí fora é muito mais forte”. Tais resultados confirmam a conclusão de estudo realizado por Melo (1998), segundo a qual o aluno pobre é percebido como não tendo condições de competir com alunos de origem social superior. (Mazzotti, 2006:358)

Entretanto, vemos que para a grande parte dos entrevistados, a maior importância do professor, hoje, é pela função que desempenha dentro da sociedade, seja ela política ou apenas de transmissor do conhecimento adquirido até hoje. E considerando-se o conteúdo da representação de “aluno da escola pública” indica uma forte associação com pobreza familiar, tais fatores passam a constituir um obstáculo adicional ao sucesso escolar das crianças pobres.

4. Considerações Finais

Tendo percorrido todo esse caminho: o estudo da teoria das Representações Sociais, segundo Moscovicy, uma análise histórica do conceito de homofobia, tal como os conceitos de Heterossexismo, clandestinidade e das condições dos professores diante das representações sobre eles em função de suas opções sexuais nas escolas de nosso país até os dias atuais e fazendo também uma análise das falas que regeram as discussões no sentido das funções e representações desses professores podemos encontrar expressivas falas que caminharam de acordo com a Teoria das Representações Sociais, a qual pode dar uma maior compreensão das imagens em ambientes escolares tais como em outro meios sociais.

Uma análise histórico mostrou- nos que o sujeito ao assumir-se gay tem, paulatinamente, tornado-se vítima dos sistemas heteronormativo vigente em nosso país. Isso porque as formas de organização social valorizam o sexo autoritário e predominante; assim, aqueles que transitam fora dessa organização, a fim de satisfazer seus desejos sexuais e pessoais e valorizando o senso crítico dos seres humanos, perdem a importância diante daqueles que criam sistemas excludentes de posições identitárias, pois essa gera discussões políticas com objetivo de se atingir as realizações pessoais sem que haja exclusão ou repressão diante da sociedade.

Pertencendo o professor a esse sistema político, ele deve enquadrar-se nele e seguir regras, pois é isso que a sociedade espera dele. Para tanto, ele cria novas metodologias de

aulas e meios eficientes para difundir em sala a sua ideologia; entre essas as diversificações culturais, pessoais e identitárias/políticas e a escola se torna ferramenta central.

Como a maior parte da população não vê com clareza todo esse processo, mas nota-se as suas conseqüências, já que estão inseridos socialmente ao passo que detém poder de lutas e transformações, assim, transfere aos professores o compromisso de manterem-se camuflados, ocultos, exilados de seus desejos sexuais por serem sujeitos sociais e que devem se enquadrar em tal sociedade que vive. Tal como evidencia Sá-Silva:

A omissão deliberada e o silêncio dentro da escola, em relação a tudo que concerne à sexualidade, também têm importância sobre a formação dos alunos, neste domínio, levando-os a considerar que sexo é alguma coisa de secreto ou talvez de vergonhoso sobre o qual não se deve falar (Werebe, 1998 Apud. Sá-Silva, *et aut, s/d*).

Dessa forma, os resultados da análise das entrevistas feitas e do estudo sobre o assunto mostram, através das falas dos mesmos, que a Representação Social que a população, por vezes, tem do professor é tão ambígua quanto o papel do mesmo na sociedade. Dessa maneira, mantendo as regras sociais, a escola conforma-se com as relações presentes cotidianamente e mantêm os alunos desinformados e enredados em tabus e preconceitos.

Vemos em fala de professor que seus alunos evidenciam características sociais, do meio em que estão inseridos, das grades familiares que fazem parte e tornam-se reprodutores dos discursos com os quais os rodeiam sem que saibam viver e conviver em um ambiente social mais amplo com grande diversidade.

Dessa forma, a escola deveria garantir acesso e informações para construir conhecimentos, assim, esses futuros adultos participantes ativos do sistema, manteriam seus discursos e práticas individuais. Essa individualidade é garantida, inclusive, pelo apego a novos conhecimentos e reprodutor de novas teorias que se enquadraria em um jogo de quebra cabeça montando grupos sociais que se encaixem sem que tenha um sentimento de desamparo, já que a grande quantidade de professores com os quais eles passam algum tempo impede que sejam criados vínculos afetivos necessários à educação e ao aprendizado.

Contudo, o que podemos evidenciar nas falas:

Embora faça parte das preocupações e das ocupações da escola, a sexualidade — ou a discussão das questões relativas a ela — não chega a ser um assunto pertinente ao universo dos alunos, porque é literalmente velada pelos que conduzem a instituição, e em especial os professores. O acesso a informações sobre a sexualidade é tradicionalmente velado aos educandos como forma de manipulação e de manutenção do *status quo* do mundo adulto. (Sá-Silva, *et aut, s/d*)

Sendo assim, o professor chega a relatar que as coordenadoras pensam, a respeito das sexualidades que ao serem repressoras com os alunos elas poderiam, com os professores, queimá-los em praça pública.

Finalmente, podemos afirmar que o estudo a respeito da Representação Social que os brasileiros têm hoje do professor que é assumidamente gay é de fundamental importância para retratar a decadência de nosso sistema social e educacional no último século, principalmente. As visões pessoais apenas externam e denunciam um sistema em que os professores fizeram parte por alguns períodos, que possivelmente em crise, pois ao invés de valorizar o sujeito valoriza-se o discurso de uma maioria social, que busca maneiras de ser enquadrar ao “correto”. Nesse sistema injusto, o professor vem pagando um preço muito alto para continuar trabalhando, já que ao não conseguir ou permitir-se valorizar e evidenciar outras maneiras de ser e realizar-se como pessoa, além, da maneira já instaurada socialmente ele passa a sofrer exigências por parte de uma população que não tem sede de novos conhecimentos e de novas realizações pessoais para que possam assim ser encaixado e engavetado no sistema maior qual fazem parte e, assim, sobreviver. Mas, mais que sobreviver é preciso desejar e conquistar o viver dignamente, sendo respeitado em todo e qualquer lugar da sociedade.

5. Referencias Bibliograficas

- ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. Estudos Feministas. 2001.
- ARRUDA, Ângela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. Cadernos de Pesquisa, n. 117, p. 127 – 147, novembro / 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Memória e sociedade – Bertrand Brasil – Rio de Janeiro – RJ, 1990.
- Constituição Federal do Brasil - Brasília-DF. Senado, 1988.
- DAMATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª Ed. Rio de Janeiro – 1997
- DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. Departamento de Educacao da Pontificia Universidade Catolica do Rio de Janeiro. Cadernos de pesquisa, n. 115, p. 139 – 154, marco/2002
- FERRARI, Anderson. & FRANCO, Elizabete. Lidando com as homossexualidades – a formação de professores em debate. R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora., v. 12, n.2, Jul./dez. 2010.
- FILHO, Alípio de Sousa. A política do conceito: subversiva ou conservadora? - crítica à essencialização do conceito de orientação sexual. Bagoas, 2009.

- FORQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura: As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Trad. Guacira Lopes Louro. Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.
- FRANCO, Neil. A diversidade entra na escola: história de professores e professoras que transitam nas fronteiras das sexualidades e gênero. Dissertação de Mestrado. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2009.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- GÓMEZ, Pérez A. & SACRISTÁN, J. Gimeno. Compreender e transformar o ensino. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa – 4. Ed. – ArtMed, 1998.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, Espaço público e Representações Sociais. Psicologia Social: Textos em Representações Sociais / Pedrinho A. Guareschi, Sandra Jovchelovitch (orgs) – 8. Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995
- JEOLÁS, Leila Sollberger. & PAULILO, Maria Ângela Silveira. Representações sociais da homossexualidade entre professores do ensino público: continuidades e rupturas. Ver. Tetos e Contextos, Porto Alegre, v. 7 n. 2 Jul./Dez. 2008.
- LACERDA, Marcos. PEREIRA, Cícero. CAMINO, Leoncio. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das Representações Sociais. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2002, pp. 165 – 178.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer - uma política pós-identitária para a educação. estudos feministas, 2001.
- MAZZOTTI, Alda Judith. O “aluno da escola pública”: o que dizem as professoras. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 2006.
- MEIHY, Joao Carlos Sebe B, & HOLANDA, Fabíola. História Oral: como fazer pensar. São Paulo, Contexto, 2007.
- MOLINA, Luana. & FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Professores Homossexuais: suas vivências à comunidade escolar. *sine data*.
- MOTT, Luis. Homo-afetividade e direitos humanos. Estudos feministas, Florianópolis, maio-agosto/2006.
- OLIVEIRA, Rita. & SOUSA, Clarilza. Homossexualidade: Representações sociais de sexualidade para professores cuiabanos. *Sine data*.
- SÁ-SILVA, Ronie Jackson. Et all. O lugar da sexualidade na escola e as ações docentes em educação sexual. *Sine data*.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Sine data*.
- SIMÕES, Julio Assis & FACCHINNI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2009.
- THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500 – 1800. Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 7. Ed. Rio de Janeiro. Record. 2002.